

O CONGRESSO DE CRITICOS DE ARTE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

1-7059

A construção de Brasília tem um aspecto, uma peculiaridade para a qual vale a pena chamar a atenção do distraidíssimo contribuinte brasileiro. É o seguinte: quando as pessoas que ainda possuem vestígios de bom-senso se queixam da monstruosa despesa causada, não propriamente pela construção de uma Capital interiorizada, mas pela construção de uma Capital num lugar sem meios de transportes e de comunicações, e pelo acoadamento que só visa servir às vaidades pessoais dos artistas que não querem deixar para outros a assinatura da obra; quando em suma, por estas ou aquelas razões (falta de carne, falta de água, etc.) as referidas pessoas se queixam da exorbitância dos preços desta fantasia que está vindo a furo no planalto, o governo, para justificar as monstruosas despesas que pesam sobre uma nação fraca e infeliz, passa a gastar outras verbas monstruosas na publicidade. Esbanja para provar que não é esbanjado; dissipa para deixar bem claro que não é dissipador. E quando se diz que já gastou muito, gasta muitíssimo para evidenciar que não gastou muito. Sem confiança no valor da própria obra, que deveria falar por si, se é grande, se é bela e se se destina a ser o centro do país, os pioneiros aplicam verbas enormes para fazer a propaganda aqui e no estrangeiro. Vejam por exemplo o Congresso Internacional de Críticos de Arte. Sob a presidência do sr. Juscelino Kubitschek e sob o patrocínio da NOVACAP vieram a Brasília setenta, sim SETENTA represen-

tantes dos países estrangeiros, com tudo pago pela patrocinadora, isto é, por este povinho que morre no nordeste e faz fila nas portas dos armazens em todo o território da República.

O sr. Juscelino Kubitschek gastou assim para mais de setenta milhões com o objetivo de colher alguns autógrafos ilustres. Compra elogios convencionais, constrangidos, por preço ainda mais elevado do que pagou pelas famosas instalações sanitárias do Palácio da Alvorada.

Mas desta vez o tiro, ou pelo menos uma parte do tiro saiu pela culatra, ou o feitiço virou contra o feiticeiro como muito bem observa dona Vera Pacheco Jordão no excelente artigo que acaba de publicar n.º "O Globo" com esse título. "Na melhor boa fé — diz dona Vera Pacheco Jordão — desembarcaram em Brasília esses homens e mulheres ilustres, considerando-se com obrigações de cortesia, e já no dia seguinte o "Diário Carioca" de Brasília trazia, em manchete, a declaração feita pelo ilustre urbanista e arquiteto Sir William Hollford: "Em Brasília aprendemos como se cria uma cidade..." No dia seguinte, porém, ao visitarem os apartamentos construídos para funcionários dos Institutos, "foi geral o escândalo dos estrangeiros ante a cozinha sem iluminação direta, e o quarto de empregadas — como no Rio hipocritamente apresentado como dispensa — reduzido a um cubículo escuro". Diz dona Vera que a ausência de preocupação humana foi objeto de comentários

no resto da manhã e que nessa mesma tarde, Charlotte Perian, arquiteta que trabalha com Corbuser, desenvolveu longamente o problema da dignidade humana que via abafada no monumentalismo de Brasília. E quando os estrangeiros faziam perguntas sobre o preço de tal ou tal outra realização, ninguém sabia responder. Mantiveram-se cautelosos os visitantes recebidos pela NOVACAP, mas lá pelas tantas o fogoso italiano Bruno Zevi, professor do Instituto Superior de Arquitetura da Universidade de Veneza e autor mundialmente conceituado, rompeu o convencionalismo e pôs em funcionamento a sinceridade do artista.

"Referindo-se aos organismos urbanos artificiais que sufocam os homens nêles enquadrados, e fazendo restrições ao plano de Brasília — que lhe parece conter os defeitos dos planos abertos e dos planos fechados — apressou-se em acrescentar que esse plano é fundado sobre a esperança de vitalidade do País, e que as falhas de Brasília são as falhas da cultura contemporânea. Veio então outra crítica, serenamente expressa por Kiesler, contra a arquitetura monumental de Brasília que não toma em consideração aquilo que há de mais importante: o ser humano. Vai daí o assunto pegou, e fora das sessões, provocado por pessoas que recebavam a repercussão nefasta de suas declarações e tentavam fazê-lo mudar de opinião, Zevi expandiu-se sobre os absurdos de Brasília: arquitetura monumental para uma cidade que não tem população; palácio de imperador, com ouro e púrpura para uma democracia..."

O que o professor Zevi não sabe é quanto custaram as instalações sanitárias desse palácio de um imperador imaginário. Talvez ignore que a mortalidade infantil no Brasil não apresentou nenhum decréscimo durante a construção do que está feito em Brasília. Certamente não sabe que o povo do Brasil, de norte a sul, jejua e faz abstinência.

Dona Vera Pacheco Jordão, no seu excelente artigo, diz que o professor italiano, com sua inteligência vivíssima, combinada com o profundo conhecimento profissional, e multiplicado tudo pela loquacidade mediterrânea, acumulava argumentos e "imagens pitorescas". Para isto, aliás, não é preciso ter inteligência vivíssima. Brasília é antes de tudo uma coisa que se presta a imagens pitorescas.

Agora que já se gastou um mundo de dinheiro em Brasília, e outro mundo para provar que o primeiro foi bem empregado, gaste-mos a terceira parcela numa propaganda que rebaixe quem disse mal de Brasília ou que converta os refratários. Entremos na etapa da publicidade da publicidade, e tudo se salva. Menos as crianças que morrem, cento e cinquenta ou mais em seu primeiro ano de vida por cada mil que nascem.